



NÓS AINDA AMAMOS O CAPITAL?

SCHWARZ, Roberto; et al. **Nós que amávamos tanto o capital**: leituras de Marx no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2017. 80 p.

Resenhado por: César de Alencar Arnaut de Toledo¹
William Robson Cazavechia²

O livro, *Nós que amávamos tanto O Capital*, lançado pela editora paulistana Boitempo no mês de maio de 2017, disponibiliza ao público os resultados das conferências proferidas no dia 22 de março do ano de 2013 no “IV Seminário Internacional Margem Esquerda: Marx e O Capital”. Segunda etapa do seminário “Marx: A Criação Destruidora”, promovido pela Boitempo em parceria com o SESC-SP, a Fundação Lauro Campos, Fundação Rosa Luxemburgo, Fundação Maurício Grabois e o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP. Trata-se das transcrições das quatro intervenções no debate “Sobre os Estudos d’*O Capital* no Brasil” a publicação traz ainda: **Nota da edição** (p. 06), uma **Apresentação** (p. 07-16) feita por Sofia Manzano, mediadora da mesa, e **Índice onomástico**. (p. 63-78).

Na orelha da contracapa encontramos um texto de Lidiane S. Rodrigues, que contextualiza a publicação. Na contracapa contamos com um pequeno e provocativo texto de Michael Löwy. O texto, diagramado em papel Avena 80g/m de folhas amareladas, foi acrescido de notas de edição que esclarecem alguns pontos das falas dos autores e fazem também referência a vários outros livros mencionados. Por fim, a exposição do texto conta com algumas fotografias históricas. Embora alguns desses elementos tenham uma finalidade de divulgação, a edição de Richard Sanches, sob a direção geral de Ivana Jinkings é um bom trabalho editorial.

As transcrições seguem a apresentação das falas no debate, o que proporciona uma leitura instigante e aproxima das discussões suscitadas. Antes das falas propriamente ditas, Manzano contextualiza e faz um breve resumo daquilo que se segue, nos quatro capítulos do ‘livrinho’, jocosidade de Michael Löwy com tamanha importância das reflexões feitas por pensadores que representam lições diferentes, retiradas dos encontros para a leitura d’*O Capital*, os Seminários Marx, realizados em solo brasileiro nas décadas de 1950 e 1960 por iniciativa de jovens professores e alunos da Universidade de São Paulo. Os seminários representaram um importante fator para a formação intelectual e acadêmica da universidade e da cultura brasileira pelo fato de trazer a proposta e vencer o desafio de estudar metodologicamente *O Capital* quando ainda não havia traduções e nem espaços na universidade para seu estudo.

A economista e professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista, esclarece a relevância histórica desse grupo e dos seminários realizados antes mesmo de Louis Althusser (1918-1990), na França, organizar as leituras coletivas de Marx. Isso significa a reconstrução da história do marxismo no Brasil,



que até o final dos anos de 1950 esteve restrito ao Partido Comunista. A partir dos anos de 1930 o partido se consolidou como polo crítico do capitalismo no Brasil. Alinhado ao chamado “marxismo-leninismo” o marxismo oficial provocou distorções tanto nas leituras das obras dos clássicos do marxismo como da realidade brasileira, pois estavam marcadas pelo stalinismo e pelos interesses da Terceira Internacional. Além disso, a submissão do país a regimes autoritários, o desencadeamento da perseguição ideológica, mesmo nos pequenos períodos de liberdades democráticas, e as simplificações formal e positivista do arcabouço teórico de Marx, Engels e Lenin dificultaram a criação de um arcabouço analítico mais acurado.

Isso resultou numa grande diversidade de leituras do marxismo. Na universidade, entretanto, ainda era pouco debatido. A história dessa leitura demonstra o movimento dos lugares propícios ao pensamento e à política revolucionária. A ausência das doutrinas e leituras hegemônicas no marxismo e pelo marxismo impeliu intelectuais ao desenvolvimento de análises que procuravam reconstruir a realidade brasileira pela reconstrução crítica do método dialético, cuja ontologia e totalidade se assentam sobre o trabalho que, ressaltamos, está relacionado diretamente com a educação na constituição e construção do humano. O que unificou o grupo foi a pesquisa científica no processo de construção de suas teses. “Dessa forma nascia o “marxismo universitário” e consolidava-se o *marxismo uspiano*”. (p. 13).

A exposição das falas transcritas sobre os diversos aspectos da leitura da obra de Karl Heinrich Marx (1818-1883) no Brasil leva em conta esses contextos. Os pesquisadores que passaram pelas seções quinzenais das leituras de *O Capital* produziram trabalhos acadêmicos para a compreensão da realidade econômica, social, política e cultural do Brasil. O livro em questão expõe as impressões de quatro participantes dos Seminários Marx sobre esses encontros e os impactos que tiveram. Mas, quem somos ‘nós que amávamos’? A certeza do indicativo inclui todas as pessoas que participaram dos seminários e os palestrantes os representam. O primeiro deles é Roberto Schwarz, que expôs sua fala sob o título **Sobre a Leitura de Marx no Brasil** (p. 17-26); o segundo, José Arthur Giannotti, que fez **Considerações sobre O Capital** (p. 27- 38); o terceiro, João Carlos Kfourti Quartim de Moraes, que falou sobre o **Comunismo e Marxismo no Brasil** (p. 39-52); e, por fim, Emir Sader, que apresentou **O Capital, 150 Anos Depois**. (p. 53- 62).

Roberto Schwarz nasceu em Viena no ano de 1938 e se naturalizou brasileiro. Graduado em ciências sociais pela USP, com mestrado em literatura comparada pela Universidade de Yale e doutorado pela Universidade de Paris II, Sorbonne. De acordo com ele, o clima teórico mudou na universidade com a presença do ponto de vista marxista nas ciências humanas e na filosofia. Sob a pressão dos golpistas de 1964, o segundo momento dos Seminários desenvolveu um espírito mais ativista e menos especulativo em relação ao primeiro. “Um de seus melhores resultados foi a revista Teoria e Prática, uma publicação cultural-política muito combativa”. (p. 18). Perdurou até o número 4, foi fechada pela polícia. Schwarz participou dos dois momentos dos Seminários.

A novidade do seminário de 1958 não foi a leitura da obra de Marx, mas a ligação de sua obra aos estudos universitários. Marx estava ausente dos currículos e das salas de aula, mas bastante discutido nos corredores e bares. A leitura dos primeiros capítulos foi suficiente para firmar no grupo a estatura da teoria de Marx. Se Marx entrou para academia, a academia leu e renovou Marx.



O “grupo providenciou para que não faltassem um economista, um historiador, um filósofo, um sociólogo e um antropólogo”. (p. 22). Assim, reuniu conhecimentos necessários para uma leitura transdisciplinar da obra de Marx. Os estudos tinham como objetivo entender o Brasil e o mundo contemporâneo a partir dele. Os “esquemas marxistas estavam entrando em contato com as formas locais de sociabilidade e dominação, características de nosso chamado atraso histórico e da peculiaridade de nossa fisionomia social ex-colônia”. (p. 24). Por um lado, aclimatação do marxismo no Brasil, por outro, verificação desse arcabouço teórico à luz das realidades locais. Aqui a burguesia, a nação e a classe operária eram diferentes da Europa. “Apenas o capital era um só”. (p. 24).

À guisa de conclusão, afirma que o atraso brasileiro é uma forma perversa de progresso. A reflexão crítica sobre essa realidade é parte da condição intelectual que ela pressupõe como um trabalho próprio da periferia. Por isso, essa realidade “manda usar a própria cabeça e levar em conta a própria experiência, obrigando à invenção conceitual e à desprovincianização do pensamento”. (p. 26). Por fim, presta homenagem a Giannotti por sua crítica a Althusser publicada na revista *Teoria e Prática* no ano de 1967.

O segundo texto é de José Arthur Giannotti, que nasceu em 1930. É Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) onde ingressou em 1950. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores e logo se afastou dele. Fez **Considerações sobre *O Capital*** e em sua leitura considerou filosoficamente a obra de Marx. Para ele, ler Marx é assimilar um clássico, sua fala destaca alguns capítulos memoráveis desse autor e apresenta uma considerável diversidade de “leituras” que se pode fazer de *O Capital*. As questões para ele são: “por que, e como ler Marx?”. (p. 27).

Para responder às questões, fez inicialmente ponderações sobre o texto marxiano, no qual encontramos reconstruções históricas e fórmulas que explicitam o processo de alienação e descrevem a alienação do próprio capital, que paira sobre os homens como uma força separada da formação da riqueza social. Problematisa a aplicação do conceito hegeliano de contradição e aponta que a intenção de Marx era a de transformar a sociedade. O livro teórico que escreveu é parte desse intento. Indica que muitas são as leituras que podemos encontrar de Marx. Na passagem do século XIX para o XX isso já se verificava. Na Alemanha, Karl Kautsky e Rosa Luxemburgo. União Soviética, Lênin e Nikolai Bukharin. Na Itália, Galvano Della Volpe e Antonio Gramsci. Na França, Louis Althusser rompeu com a tradição. “Em particular os franceses, ao darem preferência à *Fenomenologia do espírito*, e os italianos, que optaram pela *Ciência lógica*, abrindo assim caminhos divergentes para Marx”. (p. 32).

O Capital se tornou um livro clássico e por isso não podemos lê-lo sem que nos diga aquilo que concerne ao nosso cotidiano. Assim, diz-nos a “maneira pela qual a mercadoria se torna um fetiche, como o capital cria riqueza e miséria, como o capital financeiro se torna independente e percorre o mundo”. (p. 33). Essa posição nos obriga refletir sobre suas ambiguidades e põe diante de nós a tarefa de mudar o mundo e tomar posição política frente suas teses. Assim fizeram os frankfurtianos e Jürgen Habermas. Mas abandonaram a teoria do valor-trabalho em direção à crítica da razão instrumental. Lukács foi um dos poucos que lembrou da objeção de Marx a Ricardo. O livro de Marx apresenta problemas fundamentais para nossos dias, porque a ontologia não tem mais o mesmo significado, é uma palavra do



século XVIII e perdeu o sentido de representar o ser. Essa perda está ligada a uma regulação das coisas ligadas a comportamentos, uma gramática das relações sociais.

Comunismo e marxismo no Brasil foi o título da fala de João Carlo Kfourri Quartim de Moraes. Nascido em 1941, é Professor colaborador na UNICAMP, onde se aposentou como professor titular, e pesquisador do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Resgata o papel político do marxismo. Retoma as polêmicas em torno das interpretações do Brasil por Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré. Além disso, ressalta as diferenças entre as apropriações da obra *O Capital* por acadêmicos e militantes. Para tanto, sua fala se inicia com a chegada do marxismo ao Brasil. Os comunistas assumiram posição hegemônica na esquerda por meio século e em 1934 se puseram à frente da luta antifascista. Mesmo empurrados para a ilegalidade após o golpe de 1947, estiveram presentes no movimento operário-popular e em setores revolucionários da intelectualidade.

Deixa evidente que o comunismo chegou ao Brasil antes do marxismo e que foram necessários trinta anos para seu aprofundamento. O que ocorreu somente com a leitura e o rigor teórico de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré. “O centro nevrálgico dessas interpretações e das muitas polêmicas que elas suscitaram foi a elaboração do programa nacional-democrático da revolução brasileira”. (p. 41).

Para ele, o tempo da teoria nem sempre é o mesmo da política. Algumas obras que precederam o golpe de 1964 foram publicadas apenas sob o regime autoritário. Moraes deixa claro que os “critérios do trabalho acadêmico são diferentes daqueles do trabalho político-revolucionário”. (p. 43). A ditadura, entendida como uma cúpula das forças armadas, que assumiu a máquina do Estado, anulou as reformas de base de João Goulart (1918-1976). No lugar instaurou um regime de contrarrevolução preventiva que se prolongou até 1985. Na década de 1970 as lutas dos partidos se restringiam, o PCB à luta armada urbana, o PCdoB à mobilização camponesa.

Aponta duas questões que parecem fundamentais para situar *O Capital* no interior do conhecimento social e na história do pensamento do século XX e começo do XXI. A primeira: Enquanto Marx sempre acabou retornando à universidade, Lênin permanece um tabu, mas é dele a defesa da posição materialista em filosofia e ele aprofundou a teoria do imperialismo. Existe uma forte conexão entre imperialismo e colonialismo. A segunda: assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento orgânico, Marx descobriu o movimento e a lei para o desenvolvimento da história humana. O programa foi arquivado pelas correntes metafísicas do marxismo. Aí aparece sua crítica à ontologia do ser social. Não entendemos o homem sem entender a história da formação do homem, e não entenderemos sua formação se não entendermos ou ignoramos a biologia genética do *homo sapiens*. Não se pode olhar para a ontologia sem olhar para a biologia.

A leitura de Emir Sader retoma **O Capital, 150 Anos Depois**. O palestrante, nascido em 1943, formou-se em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. É coordenador-geral do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Sua fala tem caráter mais político. Recupera a palavra *crise* no contexto atual para lembrar que desde o *Manifesto Comunista*. A crise do capitalismo é estrutural e parte de um desequilíbrio entre distribuição e consumo. Marx começou a ser recuperado como uma explicação para ela. Já era um ponto do livro III de *O Capital*. A questão paradoxal é: como é que o capital financeiro, intermediador por



definição, pode se acumular? Somente no eixo do capitalismo do capital girando em falso. A sociedade atual é uma sociedade capitalista por seus mecanismos de acumulação e exploração.

O neoliberalismo significa a ritualização da realidade mercantilizada em sua totalidade. “O que era direito passa a ser mercadoria para então ser jogado no mercado. Portanto, a esfera essencial do neoliberalismo não é a privada, mas a mercantil, à qual se contrapõe a do bem comum, a esfera pública, que defende a universalização dos direitos” (p. 56). Nesse sentido, duas categorias são fundamentais para entender o mundo contemporâneo: capitalismo e imperialismo. Com o fim da Guerra Fria o imperialismo norte-americano emergiu. E emergiu a partir de uma vitória ideológica, pois deixou de existir uma economia capitalista para existir a economia, a que está em crise.

Todas essas questões estão em Marx e ele é fonte e inspiração para a esquerda. Seus escritos de estratégia política demonstram sua face de analista e estrategista político. Participou da criação da Internacional e sua análise da Comuna de Paris é formidável. Lênin introduziu o tema do partido. Gramsci trouxe as questões ideológicas. Assim se compôs um quadro geral de referências indispensáveis a qualquer análise e formulação de estratégias alternativas. Esse é o desafio de nosso tempo, afinal, a América Latina está em luta contra a recessão. Ainda resiste para retomar o crescimento econômico e a distribuição de renda, o desenvolvimento social e uma política que zele pela integração regional e não pelos tratados de livre-comércio com os EUA. Essa luta está se demonstrando cada vez mais brutal e bárbara, mas ainda resiste. “*O Capital* é um livro extraordinário. [...] Por isso participar do seminário representou um salto teórico enorme para todos nós, uma experiência fora de série”. (p. 62). Finaliza sua exposição com a afirmação de que o desafio de nosso tempo é um desafio nosso. No tempo de Marx, ele lidou com o dele.

O **Índice onomástico** (p. 63-78) traz informações úteis sobre 58 pensadores referenciados ao longo dos textos das palestras. Essas informações situam o leitor em termos gerais e também em termos da história do Brasil. Os dados tornam precisas as referências dos textos.

Cada um ao seu modo amou *O Capital*. Fica a questão, e nós, ainda o amamos? Quais são os grupos subalternizados que reúnem as condições sociais para a construção de uma conjuntura contra hegemônica? A classe trabalhadora, também consumidora, conseguirá manter a chama da revolução acesa durante o domínio absoluto do tecnológico? A realidade não se constitui de ideias e por isso mesmo, os limites de sua transformação se evidenciam em múltiplos fatores. Na síntese desses fatores, que o pensamento marxista representa, podemos encontrar os caminhos traçados pela investigação histórica a fim de responder essas questões suscitadas frente ao escurecimento autoritário do horizonte político, jurídico e cultural. Especialmente aquelas investigações empreendidas no campo da história da educação. Sabemos que em seu sentido mais amplo ela se constitui um dos elementos estratégicos para a reprodução das relações sociais capitalistas, para a organização da cultura e sua comercialização, e para a formulação de um modelo de formação humana correspondente ao ordenamento da produção nas diferentes etapas da produção e reprodução do *Capital*. No livro clássico, *O Capital*, encontramos os elementos revolucionários da emancipação da sociedade. Na sua leitura, o processo de apropriação social destes



elementos. Com a leitura de *Nós que amávamos tanto O Capital* restituímos a dimensão histórica e social dessa leitura para a cultura acadêmica.

A apropriação do ímpeto revolucionário constituinte da obra de Marx pela universidade brasileira corresponde à etapa em que o *Capital* se volatilizava e determinava a indústria bélica e cultural como estruturantes da sociedade. Uma transformação do modo de produção e das relações sociais que passaram a garantir e a legitimar sua reprodução. Quando Marx foi para universidade, o exército, apoiado pelos detentores do capital foi para as ruas, tomou o poder e reorientou o Estado. Projeto político que se prolongou na sociedade civil e política. A reprodução das relações sociais foi garantida pela deflagração da perseguição ao inimigo, o anticapitalista. Esse foi e será o modo do capital garantir a hegemonia dos grupos políticos e civis, empresariais e corporativos, em sua expressão econômica a partir dos conglomerados de alcance global. Formou-se no passado, no qual a obra de Marx começou a ser lida no ambiente acadêmico, a determinação específica de uma conjuntura social que garantiu o alinhamento do Estado brasileiro à conformação do bloco histórico em que os Estados Unidos da América do Norte definem a linguagem do império e do neocolonialismo. Nele, o Estado de exceção sempre se impõe como permanente modelo político da ordem.

O livro é atual. Estudiosos de diversas áreas podem se beneficiar do contato com as questões tratadas no livro. A leitura é instigante e as reflexões nele contidas nos remetem à atualidade e nos traz importantes lições. Devemos conhecer a história da recepção dos textos de Marx no Brasil e ela nos ajuda a entender os desafios que nos são apresentados cotidianamente. A leitura e o incentivo à leitura de autores clássicos podem nos levar a descortinar aspectos da nossa própria realidade, além, é claro, de proporcionar satisfação e deleite.

Notas

¹ Doutor em Educação pela UNICAMP. Direção eletrônica: caatoledo@uem.br

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Direção eletrônica: cazavechia.william@hotmail.com.

Submetido em: 04/09/2017

Aprovado em: 04/09/2017